

A VIRADA NA PESQUISA EM JORNALISMO¹

Cristiano ANUNCIACÃO²

RESUMO

A pesquisa brasileira em jornalismo deu uma guinada importante na virada deste século. Após mais de 50 anos de fundação da primeira faculdade de jornalismo, a Cásper Líbero (1947), começou a organizar-se institucionalmente, com a criação de associações, periódicos acadêmicos, linhas de pesquisa, grupos de trabalho e programas de pós-graduação nesta especialidade. A SBPJor foi um marco importante. Há outros, como a ABEJ; o GT de Jornalismo da Intercom, que foi ganhando subdivisões, o GT de Estudos de Jornalismo da Compós, o GT de Economia Política do Jornalismo, da Ulepicc; o PPGJor/UFSC; as revistas acadêmicas *Estudos em Jornalismo e Mídia*, *Brazilian Journalism Research*; *Pauta Geral*; e os livros de teorias do jornalismo e outras referências bibliográficas que compõem o patrimônio teórico do campo (cf. ANUNCIACÃO, 2020).

A contar das primeiras investigações, as análises acerca da atividade jornalística ocuparam-se, fundamentalmente, de aspectos históricos, ética profissional, ensino, rotinas de trabalho, linguagem, gêneros e formatos noticiosos, efeitos e recepção, suportes midiáticos e novas tecnologias. Agora, o campo desloca e amplia possibilidades de apreensão do fenômeno jornalístico. Além de atender ao que vem sendo chamado de pesquisa da pesquisa, as perguntas teóricas também têm, com mais ênfase nos últimos anos, enfocado demandas sociais gritantes, evidenciando classe, raça, etnicidade, gênero, sexualidade, deficiência, religiosidade, faixa etária e outras categorias conceituais. Esse debate ganha evidência no âmbito acadêmico na segunda metade deste século no bojo do pensamento decolonial (BALLESTRIN, 2013).

O objetivo deste resumo expandido é registrar esse movimento (mais recente) de virada da pesquisa em jornalismo, que vem reivindicando muito fortemente novas demandas de investigação. Destacamos aqui três trabalhos: *Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias*, de Márcia Veiga (2014); *LGBT como pauta do jornalismo: visibilidades e limitações*, de Eder Luis Santana (2018); e *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*, de Fabiana Moraes (2022).

Essas pesquisas têm se ocupado de aspectos do fenômeno jornalístico, dentre os quais citamos preliminarmente: produtores, temáticas, representações, fontes de informação e recepção.

Em um momento de profundas e impactantes transformações no jornalismo – precarização da profissão, desinformação, automação das notícias, dentre outras –, seu estudo científico faz-se ainda mais imprescindível. O campo refaz sua rota para permanecer relevante e atinente às questões que perturbam (em todos os sentidos) a vida social. Desta maneira, a pesquisa em jornalismo mostra que é viva e pulsante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUNCIACÃO, Cristiano. A pesquisa brasileira em jornalismo: história e institucionalização.

Revista Comunicação Midiática. v. 15, n. 1, p. 64-76, jan./jun.2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência*

Política. n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.

1 Trabalho apresentado ao GT Economia Política do Jornalismo, do X Encontro Nacional da Ulepicc-Brasil.

2 Doutor em Comunicação pela UnB, e-mail: cristianoanunciacao@gmail.com.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

SANTANA, Eder Luis. **LGBT como pauta do jornalismo:** visibilidades e limitações. Salvador: Devires, 2018.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo:** modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.